

As relações dialógicas e polifônicas de Mikhal Bakhtin nas charges jornalísticas de Angeli

Hellen Suzanna da Cruz Miranda¹

Resumo

Ancorando-se nos estudos desenvolvidos por Romualdo (1992), sobre charge jornalística; nos princípios da polifonia, dialogismo e carnavalização de Bakhtin (1992, 1993, 1997, 1999); nos discernimentos acerca do humor e História, propostos por Bremmer & Roodenburg (2000), em estudos referentes à ironia e a teoria semiótica do texto, o objetivo deste artigo é analisar marcas discursivas e ideológicas em três charges jornalísticas de Angeli, publicadas no jornal Folha de São Paulo, no período de junho a julho de 2006. Nessas charges são exploradas as vozes bakhtinianas, os signos linguísticos e as enunciações humorísticas ali representadas pelas personagens. Pela análise dos dados coletados, pôde-se verificar que Angeli utilizou-se do antagonismo das imagens de Alckmin e Lula para provocar o riso e produzir a ironia em suas charges. Espelhou-se nas vozes cotidianas que ecoam social e ideologicamente nessas imagens, para garantir a interação entre o "eu" (chargista) e o "tu" (leitor), para propiciar uma falsa ou aparente tensão entre os mundos: "oficial", vivido por Alckmin, e o "popular", protagonizado pela figura de Lula, para estabilizar um jogo estratégico, entre a essência e a aparência, buscando, assim, o humor de forma irônica e sagaz.

Palavras-chaves: Dialogismo. Polifonia. Charges jornalísticas.

Abstract

Anchoring on the studies developed by Romualdo (1992), about journalistic charge; the principles of polyphony, dialogism and carnivalization of Bakhtin (1992, 1993, 1997, 1999); the insights about the humor and history, proposed by Bremmer & Roodenburg (2000), in studies related to irony and semiotic theory of text, the objective of this is to examine the discursive and ideological brands on tree journalistic charges of Angeli, published in the newspaper Folha de São Paulo in the period from June to July 2006. These cartoons are explored bakhtian voices, linguistic signs and humorous utterances represented by the characters. For the analysis of data collected, it was observed that Angeli used the antagonism of the images of Lula and Alckmin for laughs and produces the irony in his cartoons. Was reflected in the voices that echo everyday social and ideologically in these images, to ensure interaction between the "I" (cartoonist) and "You" (reader) to provide a false or apparent tension between the worlds "official" lived by Alckmin, and the "popular", played by the figure of Lula, to stabilize a strategic game, between essence and appearance, looking so, humor in an ironic and sagacious way.

keywords: Dialogism. Polyphony. Newspaper cartoons.

¹ É Mestre em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS (2010). É Especialista em Língua, Linguística e Literatura. Licenciada em Letras/Espanhol. Tem experiência na área de Letras com ênfase em Língua Estrangeira (Espanhol) - Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

INTRODUÇÃO

Percebendo a cultura como ambiente de transformação da sociedade, torna-se imprescindível enfatizar: o humor e o riso, como, base dos sonhos e das fantasias dos seres humanos. Essas características estão internalizadas no senso comum: "rir é o melhor remédio". É a partir dessa premissa que o texto humorístico encontra a sua finalidade. A verdade é que o humor tem regras que, não sendo necessariamente enumeráveis sob a forma de lei, são essenciais para a sua eficácia, uma vez que o texto humorístico assenta numa regra básica: "todo ele é no sentido conotativo". Nos últimos tempos, uma forma de humor que se vem destacando com frequência, nos meios midiáticos: é a charge.

A charge tem sido abordada por especialistas como um gênero textual que integra um conjunto de conhecimentos básicos e específicos para o seu entendimento. Conhecimentos esses constituídos a partir da construção da identidade pessoal e social do indivíduo chargista e da interação desse com o leitor. É justamente essa a originalidade do texto chárstico, que o faz cômico, sagaz e, acima de tudo irônico. As charges remetem ao riso irônico, sarcástico, acentuando a esses aspectos um tom de denúncia, para produzir um riso inusitado resultante da oposição entre o dramático e o cômico.

Portanto, este artigo tem como ponto de partida, identificar e analisar os fatores coesivos de três charges de Angeli, vinculadas no Jornal a Folha de São Paulo no período de junho e julho de 2006, tendo como proposta: o universo político, protagonizados por: Lula e Alckmin, na "batalha" pela presidência do Brasil. As temáticas geradas nas charges estavam ligadas a crises, denúncias e escândalos políticos. Por meio dessas temáticas, é que serão exploradas as vozes Bakhtinianas e os signos linguísticos ali representados. Para tal, escolheram-se como arcabouços teóricos os estudos desenvolvidos por Romualdo (1992) relacionados à charge, os conceitos de Fávero & Koch (1988) em relação à Linguística Textual e os preceitos de polifonia, dialogismo e carnavalização (Bakhtin, 1992 e 1993).

1. A LINGUAGEM

Para dar início a este estudo, faz-se imprescindível conceber o que seja *linguagem*. Segundo o dicionário Aurélio "linguagem é o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas. A forma de expressão pela linguagem própria de um indivíduo, grupo, classe, etc. (FERREIRA, 2004, p. 518)". Assim, podemos concernir que a linguagem é inata à humanidade, e talvez seja o primeiro poder conquistado e dominado pelo homem.

A preocupação com a linguagem é muito antiga: a curiosidade do homem leva-o a indagar o mistério desse precioso instrumento de comunicação. Para se estudar a funcionalidade do processo de comunicação, precisamos buscar a intenção do produtor, o que só é possível por meio da análise das marcas linguísticas da enunciação ou dos usados na composição.

A linguagem é o traço que melhor define a espécie humana; de uma perspectiva estrutural ou funcional é um conjunto de sistemas, ligados uns aos outros, cujos elementos não têm nenhum valor independente das relações de equivalência e de oposição que os unem; é, no sentido mais corrente, um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade.

No que tange o convívio social, o homem apropria-se desse instrumento que lhe foi oferecido, e por meio da língua, usa-o para comunicar-se com o outro. Portanto, o universo do discurso da linguagem é uma característica exclusiva do ser humano e por isso, fundamentais para alcançar a compreensão do mundo e das coisas a nossa volta. Pensamos a linguagem e somos o que a linguagem nos faz ser.

Bakhtin acredita que a linguagem só pode ser analisada, na sua devida complexidade, quando considerada fenômeno sociológico e aprendida dialogicamente no fluxo da história. Dessa forma, um dos eixos do pensamento bakhtiniano é buscar formas e graus de representação variáveis da linguagem. Entre esses indícios, estão, sem dúvida, as preocupações com a dimensão histórico-ideológica. Portanto, a concepção de linguagem bakhtiniana é entendida como processo de interação social.

2. UM BREVE OLHAR AOS ASPECTOS DIALÓGICOS E POLIFÔNICOS NAS CHARGES JORNALÍSTICAS

O que mais chama a atenção em um texto polifônico é a multiplicação de seus significados e os mecanismos de manifestações das diferentes vozes, dentro de um contexto. Esses tipos de textos exigem uma leitura múltipla, uma vez que "não permitem mais uma leitura unitária, porque ocorre neles um estilhaçamento temático e uma mistura de vários tipos de discurso que desencorajam a leitura homogeneizadora". (BARROS, 1997, p. 78).

Para Bakhtin, o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso, uma vez que este não é individual, porque se constrói pelo menos entre dois interlocutores, que são seres sociais. Também não é individual porque se constrói como "um diálogo entre discursos", ou seja, porque mantém relações com outros discursos. (BARROS, 1997, p. 33).

O dialogismo e a polifonia são presenças fortíssimas nas charges, pois há uma interação de vivências entre o chargista (eu) e leitor (outro). E é por meio desses diálogos ideológicos e destas miscelâneas de vozes, que surgem: o efeito de sentido proposto pelo chargista. No que tange: a polifonia, a ambivalência e o humor do texto charginho, é que esses fatores fazem que eles afirmem e neguem, elevem e rebaixem, ao mesmo tempo, obrigando o leitor a refletir sobre fatos e personagens do mundo político, uma vez que põe a "nu" aquilo que está oculto.

As charges mantêm relações intertextuais com textos verbais, visuais, e visual-verbais conjuntamente. "Com base no princípio bakhtiniano de que na leitura há o encontro de dois textos: o que está sendo lido e o que o leitor elabora na medida em que lê e, portanto, o encontro de dois autores" (BAKHTIN, 1992, p. 76).

Desta forma, a interação charges/leitor torna-se rápida e a compreensão da mensagem ocorre, na maioria das vezes sem grandes dificuldades. As imagens falam por elas mesmas; a linguagem utilizada é a do cotidiano do leitor, portanto, familiar e compreensível. Esse é facilmente conduzido a universos múltiplos, identificando-se com os personagens e participando das aventuras narradas nas charges.

3. AS INTER-RELAÇÕES ENTRE ESSÊNCIA E APARÊNCIA

Com base na teoria bakhtiniana, segundo a qual o texto é ambiente de manifestação de múltiplas vozes e vários diálogos, permeados por contextos e discursos que se complementam no que se refere ao efeito de sentido, as charges foram avaliadas no interior do contexto sociopolítico e ideológico em que foram produzidas. As seis charges pesquisadas fazem menção a fatos e acontecimentos, captados no momento em que estão ocorrendo. É importante destacar que essas charges, além do seu caráter humorístico, são elos críticos da realidade representada, pois, embora pareçam ser textos ingênuos, são essencialmente pretensiosos, carregados de ferramenta de conscientização, pois, além de diversão, informam, denunciam e criticam. Angeli, para retratar essas situações, recorreu a uma linguagem irônica, polifônica, dialógica e tecida de imagens carnalizadas para efeito de sentido. Nessa relação dialógica, estão presentes diversas vozes e discursos que ajudam a compor o sentido de cada enunciado, constituído e representado em um contexto, num constante jogo de relações intertextuais, entre a essência e a aparência.

Publicadas na segunda página do jornal a *Folha de São Paulo*, as charges políticas aqui analisadas são o termômetro dos debates, dos escândalos, e das disputas de votos do processo eleitoral de 2006. Nesse momento o país atravessa um turbilhão de denúncias referentes aos candidatos e seus aliados. Angeli aproveita essas denúncias proferidas pela mídia, para aliar a ironia e crítica, e para definir o efeito de sentido de suas charges. A eleição presidencial de 2006 tinha como peculiaridade à denúncia referente ao "dossiê Vedoin"². Esse dossiê tinha como mentores a alta cúpula do PT. O citado dossiê foi o estopim para a "batalha" pelo maior cargo Legislativo brasileiro, que tinha como protagonistas: Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) do Partido dos Trabalhadores (PT) e Geraldo Alckmin do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

A **charge 01**, que simula um diálogo entre Lula e o "povo brasileiro", constitui-se na mescla dos discursos religioso e político de cunho militante, carnalizados, representando uma inversão jocosa: A remissão ao discurso religioso nessa charge é realizada tanto no plano do não verbal, o "desenho", a caricatura por meio da qual Angeli representa Lula, quanto no plano do verbal. Angeli remete à figura religiosa de Moisés³



Fig. 01 - .Charges 1. (Folha de São Paulo 25/07/06)

² Escândalo do dossiê é o nome dado às repercussões da prisão em flagrante de integrantes do PT acusados de comprar um dossiê de Antônio Vedoin que acusaria José Serra, candidato ao governo de São Paulo pelo PSDB, e outros políticos do mesmo partido de terem relação com a máfia das sanguessugas. O plano seria para prejudicar a candidatura de Serra e ajudar o PT a eleger o governador naquele estado. Também havia acusações contra o candidato à presidência Geraldo Alckmin e Aécio Neves, o governador de Minas Gerais. Estes documentos foram apreendidos, dia 15 de setembro de 2006, 1, 7 milhão entre reais e dólares com integrantes do Partido dos Trabalhadores.

³ Fig 01. Retrata o profeta israelita da Bíblia hebraica (conhecida entre os cristãos como antigo testamento), da tribo de Levi. De acordo com a tradição judaico-cristã, Moisés foi o autor dos 5 primeiros livros do antigo testamento - Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), também de alguns Salmos e do livro de Jó. É encarado pelos judeus como o seu principal legislador e um de seus principais líderes religiosos.

No discurso religioso, o poder divino é sustentado, desde seu início e origem, pela desigualdade de papéis e de lugares. A linguagem religiosa está revestida de um sentido e da autoridade daquele que representa Deus aqui na terra, e como esse fala em seu lugar. É justamente com esse poder de domínio que o chargista retrata Lula.

Na verdade, Angeli representa Lula como "designado" e "autorizado" a exercer esse poder.



Fig. 02

O texto não verbal também pode dialogar com a imagem de Antônio Conselheiro⁴, como se nota na figura

Fig. 02. Imagem de Antonio Conselheiro
www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/cunha.gif

Antonio Conselheiro, célebre defensor das causas sertanejas, presença marcante e fundamental na Guerra de Canudos⁵, liderou vários sertanejos contra o regime do império português, chegando a ser beatificado e santificado pelos sertanejos da época, que o seguiam por acreditarem estar seguindo ordens divinas: Antônio Conselheiro era a "voz de Deus que ecoava no Sertão". Angeli, ao propiciar a alusão à imagem de Antônio Conselheiro, transforma Lula em um líder político-religioso que luta pelo seu povo, ao mesmo tempo em que remete à origem do candidato à presidência. Em outras palavras, desterritorializa o líder: do Egito (Moisés), transporta-o, caricaturizado, para o Nordeste brasileiro.

Desse modo, emergem fios do discurso político, à medida que Antonio Conselheiro não era propriamente (ou não só) um líder religioso; era, sobretudo, um líder político. Outra imagem que vem à memória do leitor, no que respeita ao discurso político, é a do Beato Salu⁶, da novela *Roque-Santeiro*⁷, um homem humilde e apocalíptico (ver **fig 03**), que se achava mandado por Deus para mostrar as mazelas humanas e as suas consequências para a humanidade. Este usou as mesmas frases célebres e proféticas de Conselheiro: "O sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão".



Fig. 03. Imagem Beato Salu

<http://misteriojuvenil.com/forum/viewtopic.php?start=44&t=400>

A novela *Roque Santeiro* foi baseada em uma antiga peça teatral de Dias Gomes⁸. A peça chama-se "*O berço do herói*" e deveria ter sido encenada pela primeira vez em 1965, mais foi impedida pela ditadura militar. Mais tarde, com o nome de "*Roque*

⁴ Fig. 02. Retrata Antonio Vicente Mendes Maciel, chefe religioso que liderou a Guerra de Canudos, no interior da Bahia. Percorreu os sertões do nordeste, sempre seguido por uma multidão de pessoas que nele viam um messias. Conhecido como Antonio Conselheiro, sua fama preocupava as autoridades, devido às pregações que fazia contra o governo. Conselheiro queria a monarquia de volta, e era contra a república.

⁵ Canudos, Município baiano, situado no sertão baiano, palco de umas das mais sangrentas guerras brasileiras.

⁶ A fig. 03 retrata o ator Nelson Dantas, que brilhantemente interpretou o personagem "Beato Salu", em 1985.

⁷ Roque Santeiro foi uma telenovela brasileira produzida pela Rede Globo e exibida de 24 de junho de 1985 a 22 de fevereiro de 1986, com 209 capítulos, escrita por Dias Gomes e Aguinaldo Silva. A novela trata da inusitada história de Asa Branca, que vive em torno do mito "Roque Santeiro", um jovem escultor de imagens sacras, que morre numa batalha contra os cangaceiros liderados por "Trovoada", que invadiram a cidade. Roque, após a batalha, vira um herói e algumas pessoas buscavam até sua canonização.

⁸ Romancista, dramaturgo e teatrólogo, nascido em Salvador BA, em 19 de outubro de 1922. Faleceu em São Paulo no dia 18 de maio de 1999.

Santeiro”, tornou-se novela, mas também foi censurada. Toda essa perseguição deve-se ao fato de a peça desmitificar o “herói” militar. O material não verbal, de cunho ideológico e militante, inscreve, na charge, um Lula que, construído sobre as figuras de “heróis” que lutaram por transformações sociais profundas e pelo povo.

A materialidade linguística, por sua vez, inscreve no texto a ironia, constitutivamente polifônica, carnavalizando a cena que se apresenta ao leitor: **“Famintos e miseráveis, sigam-me! Eu os conduzirei ao mundo de ‘quentinhas’ e cestas básicas!”**. Do diálogo com o discurso religioso, emerge, carnavalizada, irônica, a voz de Cristo (“Vinde a mim os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei”), e Lula surge na cena como o salvador da pátria, ideia que se reforça no uso do pronome pessoal de primeira pessoa. Não é, todavia, apenas o discurso religioso que constitui a cena enunciativa. Ressoam, ali, também formações do discurso político, comunista, especificamente do Manifesto Comunista: “proletários de todo o mundo, uni-vos”. No título que Angeli aplica à charge – **“Além do horizonte”** – retorna o efeito de sentido de Terra Prometida (Canaã) “[...] terra boa e larga que mana leite e mel [...] (Êxodo 4-8)”.

Voltando ao plano do não verbal, importa acrescentar que Angeli insere uma foice no cajado usado por Lula, que, na charge, representa um objeto ideologicamente vinculado ao manifesto comunista. A foice e o martelo, como se verifica na **fig. 04** é o símbolo comunista mais conhecido no mundo. Estão impregnados nas ideologias em que se alicerça a política socialista.



Fig. 04. Imagem Foice e Martelo
www.symbolom.com.br/.../thumb/200px-Hammer.jpg

O Martelo simboliza os operários e a foice, os camponeses. Esses símbolos estão estampados na bandeira da antiga URSS e produzem a idéia de que o extinto Estado Soviético é construído sob aliança dos trabalhadores do mundo urbano com os trabalhadores do mundo rural. Daí dizer-se que a URSS era o Estado potencializado pela união dos operários com os camponeses. Esse instrumento de trabalho que se transformou em signo ganhou dimensão ideológica. A ideologia transitou através dos signos, remetendo ao posicionamento segundo o qual a bandeira da URSS representava um Estado, o Soviético, determinado pelos interesses dos trabalhadores: o símbolo da foice no cajado de Lula insinua o posicionamento do seu governo.

Quanto à **charge 02 (Fig. 05)**, Angeli usa a ironia, representada pela figura de um chuchu, popularmente caracterizado como “sem graça e sem gosto” para referir-se à imagem de Alckmin. O texto do chargista relaciona-se, pela intertextualidade, com a imagem criada pelo colunista José Simão, do jornal *Folha de São Paulo*, que vinculou a imagem de Alckmin a um “picolé de chuchu”.

PLATAFORMA ELEITORAL



Fig.05 - Charge 2.
(Folha de São Paulo 20/06/06)

Essa designação, segundo o próprio José Simão, denomina-se na política brasileira para indicar governantes que se destacam pelo pragmatismo, pela competência e pela falta de graça, conforme se nota na **fig. 06**. Angeli, ao instaurar o enunciado “Tradição, família e religião”, traz para seu texto outras vozes sociais (a bandeira “Tradição, família e propriedade”) e, por intermédio da ironia, procura tornar o leitor cúmplice dessa enunciação, levando-o a adotar determinadas posições ideológicas no estabelecimento do sentido do texto.



Fig. 06. Imagem (Alckmin) Picolé de chuchu
1.bp.blogspot.com/_wUSmd3QxQ7A/R-GDI60uEmI/AA..

Segundo Bakhtin (1981, p. 175):

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outros.

A ironia é produzida como estratégia significante, no nível do discurso, devendo ser descrita e analisada sob a perspectiva do autor e, mais diretamente, sob o olhar retórico instaurado pela simbologia do “chuchu”. Isso significa que o discurso irônico joga essencialmente com a ambiguidade, convidando o leitor a, no mínimo, uma tripla decodificação, isto é, uma decodificação linguística, discursiva e semiótica. Essa cumplicidade, essa coprodução de sentidos que reforça as vozes do discurso (político e religioso), justifica a ironia como sendo manifestação de outras vozes sociais utilizadas pelo autor a fim de se posicionar.

Temos como exemplo de miscelânea de vozes o título da charge (“plataforma de Governo”), e as próprias *enunciações* propostas na charge são carregadas de significações e ideologias. O título da charge relata o perfil da plataforma de governo pretendida por Alckmin: este pretende, por meio da tradição, de sua posição socioeconômica e de sua fé religiosa, derrubar seu adversário.

O “slogan” Tradição, Família e Propriedade”, antigo, “ultrapassado”, tinha o objetivo de defender e estimular a tradição católica, a família monogâmica e indissolúvel e a propriedade privada. Esse discurso foi propagado e aclamado na década de 1960, por uma elite conservadora, intelectual e politizada da Igreja Católica. Seu fundador foi Plínio Corrêa de Oliveira, então jovem universitário que participava do Congresso da Mocidade Católica, que propunha uma sociedade alicerçada nesses mesmos princípios. Vejamos o brasão ao lado **fig. 07**.



Fig. 07⁹. Imagem brasão da TFP
<http://www.rodrigovianna.com.br/files/Image/TFP-Standard.gif>

⁹ Brasão da TFP demonstra leão rampante sobre fundo vermelho estampado nos estandartes da entidade era referência a um grupo de militantes da Igreja tradicionalista do início do século XX.

A TFP configurou em seu interior uma religiosidade própria, pautada na crença de formar líderes fortes, natos e de qualidade. Angeli “brinca” com essas imagens antagônicas, substituindo o leão por um chuchu. Essa incoerência irônica é que dá o efeito humorístico e de sentido à charge.

Bakhtin (*apud* BARROS, 1997, p. 2) afirma que:

o sentido do discurso tem sua condição no dialogismo. O dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. [...] Examina-se, em primeiro lugar, o dialogismo discursivo, desdobrando em dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador do texto, o da intertextualidade no interior do discurso. [...] Só se pode entender o dialogismo internacional pelo deslocamento do conceito de sujeito. O sujeito perde o papel de centro e é substituído por diferentes (ainda que duas vozes) sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico.

A autora elucida que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz. Para ela, a persuasão e a interpretação envolvem sistemas de valores, do enunciador e do enunciatário, que, como afirma Bakhtin, participam da construção dialógica do sentido. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais, o que pode produzir efeitos de polifonia. A esse diálogo de vozes diferentes dentro de um mesmo texto, que falam e se polemizam e que também dialogam com outros textos, dá-se o nome de polifonia. A polifonia é um recurso imprescindível para Angeli ao compor as charges, por deixar inscrito nas mesmas o seu posicionamento ideológico: o chargista critica de forma sagaz o mundo que o cerca, levando assim o leitor a interagir com suas convicções.

Finalmente, na **charge 03 (fig. 08)**, Angeli compõe a charge a partir do jogo de imagens ideológicas (arena de classes) entre Alckmin e Lula. Para esse confronto, o chargista usou um simplório bar como cenário e a enunciação feita a partir do jargão político “Todo candidato tem que ir onde o povo está”.



Fig. 08. Charges 6. (Folha de São Paulo 27/07/06)

O autor retrata a imagem de Alckmin vinculada à sofisticação e à alta sociedade, enquanto a presença de Lula (que chegou primeiro ao espaço em questão) é insinuada no enunciado “Pingado com pão e manteiga não tem mais! Passou um barbudinho por aqui e acabou com tudo”. O chargista faz dessas diferenças culturais e ideológicas o grande contraponto da charge, e o faz de forma sarcástica, pois deixa implícita outra leitura para imagem de Lula: se acabou o “pingado e pão com manteiga”, é porque “alguém” comeu tudo, sem se importar com o restante. E essa ironia pode sugerir um Lula vulnerável aos problemas de corrupção e não tão “povão” como quer parecer.

Para esse confronto, o chargista usou um simplório bar como cenário e a enunciação feita a partir do jargão político **“Todo candidato tem que ir onde o povo está”**, este enunciado estabelece uma intertextualidade ao verso 15 da música, *Nos bailes da vida*¹⁰ de Fernando Brant e Milton Nascimento, como se confere a letra a seguir:

1. **Foi nos bailes da vida ou num bar**
2. **Em troca de pão**
3. Que muita gente boa pôs o pé na profissão
4. De tocar um instrumento e de cantar
5. Não importando se quem pagou quis ouvir
6. Foi assim
7. Cantar era buscar o caminho
8. Que vai dar no sol
9. Tenho comigo as lembranças do que eu era
10. Para cantar nada era longe tudo tão bom
11. Até a estrada de terra na boléia de caminhão
12. Era assim
13. Com a roupa encharcada e a alma
14. Repleta de chão
15. **Todo artista tem de ir aonde o povo está**
16. Se for assim, assim será
17. Cantando me disfarço e não me canso
18. de viver nem de cantar.

Angeli retrata a imagem de Alckmin e Lula, segundo a letra da música, como “artistas”, que buscam seu lugar ao sol, ou melhor, a presidência. O autor ironicamente “brinca” com os vocábulos existentes na letra da música, com o cenário da charge, isso é comprovado nos versos 1 e 2.

Quanto à linguagem não verbal da charge, a imagem de Alckmin é vinculada à sofisticação e à alta sociedade (essência), mas esse se esforça em construir uma imagem mais acessível, este até “finge” (aparência) em gostar de pingado com pão e manteiga, para se aproximar do povo. Lula chega primeiro ao espaço em questão, este é representado ironicamente pelo próprio cenário, no caso um “bar”. Angeli aproveita-se da visão que a mídia estabeleceu para Lula: um homem chegado a bebidas e que, às vezes, exagera na dose e que encontra no bar a sua casa, seu verdadeiro lugar.

Pode-se verificar o objetivo da charge: demonstrar as diferenças de imagens e personalidades de Alckmin e Lula. Angeli utilizou-se do antagonismo dessas imagens para provocar o riso. Espelhou-se nas vozes cotidianas que ecoam social e ideologicamente nessas imagens, para garantir a interação entre “ele” (cartunista) e o “sujeito leitor”. Esse vincula a imagem de Lula, reforçada pelo substantivo “povo”, à de um homem acessível, simplório e humilde. Essas características são justificadas como o próprio no enunciado “Pingado com pão e manteiga não tem mais! Passou um barbudinho por aqui e acabou com tudo”.

Segundo (Bakhtin 1999), vamos nos tornando quem somos no processo de apropriação e de elaboração das formas culturais já consolidadas no grupo social a que pertencemos, pela mediação do “outro” e por meio da linguagem. Em nossas relações com o outro, que são relações sociais determinadas pelos lugares e papéis sociais nelas em jogo, apreendemos o outro, ao mesmo tempo em que a ele nos

¹⁰ *Nos bailes da vida*. Composição: Fernando Brant e Milton Nascimento

expomos. Nessa relação, porque consideramos, compreendemos e avaliamos os atos dos outros e porque os outros emitem compreensões. É esse processo de compreensão que torna a charge um gênero único e interativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a noção de texto ampliou-se muito. Vivemos em sociedades nas quais a informação circula por diversos meios e por diversos gêneros textuais, em tempo real, viabilizada pela informatização e pelos meios multimídias de circulação, além dos convencionais. A formação de leitores críticos, capazes de interagir com a sociedade, pode ser aprimorada a partir da observação de diferentes níveis de leitura de gêneros textuais que compõem sua realidade, contribuindo para a construção de seu conhecimento. Um dos gêneros textuais que se vem destacando no meio midiático é a charge, que se utiliza de argumentos socioideológicos, sobre determinada época, característica importante desse gênero é a exploração do riso, que resulta da sátira, da ironia e do deboche usados como recursos para criar vínculo com o leitor e persuadi-lo a aceitar posicionamentos. Cresce o número de jornais, revistas e emissoras de televisão que exploram a sátira política, produzindo o riso.

Para Romualdo (2000), embora a charge chame a atenção pelos apurados traços gráficos e pelo refinado senso de humor, essas também são elaboradas para atuarem na esfera política. Em alguns momentos, é preciso discorrer sobre o universo político revelando suas crises existenciais e ideológicas, para (FLÔRES, 2002, p. 134), "a charge na maioria das vezes é o espelho dos acontecimentos, ela é a 'válvula de escape', que relata o patético e o cômico registrado pelas narrativas visuais e textuais". Desse modo, o chargista relata e comenta os temas políticos, de forma sagaz, induzindo o leitor a questionamentos e interpretações. Nessa circunstância a charge transforma-se num instrumento político, um meio de expressão de idéias e valores.

Como nos referimos anteriormente, para Bakhtin, existem muitas formas de linguagem, isso ocorre devido à diversidade da experiência social. Isto é, à presença de elementos extralinguísticos ligados ao fluxo de produção verbal que imprimem à linguagem um caráter de produto não acabado, vivo, em constante mutação, de acordo com o contexto em que é utilizada. Dá-se, assim, a interação verbal que constitui a realidade da língua. Para o filósofo, quando ignoramos a natureza social e dialógica de um enunciado, apagamos a ponte existente entre a linguagem e a vida. Assim, neste íterim, Angeli pretende conduzir o leitor, a realidades e descobertas do mundo que o cerca. Ele está mais interessado, em motivar o leitor, por intermédio da *interação* entre: humor, crítica e ironia para assim, levá-lo a refletir sobre o cenário político e a conduta dos representantes governamentais.

Após apresentação e análise das charges, observou-se a importância da manifestação do contexto sócio-histórico e político da época, revelando não apenas a efígie de uma situação, mas, em especial, o ponto de vista do chargista que, atuando como enunciador deixa suas marcas pessoais e permite que se contate seu próprio posicionamento ideológico a respeito do assunto abordado. Também foi possível observar as presenças marcantes da *intertextualidade* e *polifonia* manifestadas nos textos, permitindo que fossem encontradas inúmeras vozes e discursos já ditos em

outros momentos histórico-sociais ou, ainda, no mesmo momento, em outra situação, mas ainda presentes no contexto social.

Por meio da *ironia*, da *crítica* e do *humor*, foi possível compreender que o chargista, ao ordenar seu trabalho, teve grande capacidade de informar o leitor acerca do que acontece no seu cotidiano, este nos faz perceber os elementos críticos e satíricos presentes de forma atraente e perspicaz.

Assim, todos os elementos trabalhados nas charges analisadas, levam o autor e o leitor a estabelecerem uma interação, cujo centro é um assunto em comum: o paradoxo entre as figuras de Lula, vinculadas a sua imagem *versus* Alckmin referindo-se a sua essência. Esse confronto ideológico-político entre essência e aparência é o mecanismo humorístico utilizado pelo chargista. Portanto, Angeli, atualiza suas interpretações por meio destas premissas, aproveitando-se da matéria histórica, para produzir o efeito de sentido por ele desejado.

Em suma, pela análise dos dados coletados, pôde-se verificar que Angeli utilizou-se do antagonismo das imagens de Alckmin e Lula para provocar o riso e produzir a ironia em suas charges. Espelhou-se nas vozes cotidianas que ecoam social e ideologicamente nessas imagens, para garantir a interação entre o "eu" (chargista) e o "tu" (leitor), para propiciar uma falsa ou aparente tensão entre os mundos: "oficial", vivido por Alckmin, e o "popular", protagonizado pela figura de Lula, para estabilizar um jogo estratégico, entre a essência e a aparência, buscando, assim, o humor de forma irônica e sagaz.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. **A cultura popular na idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi. 4. ed. São Paulo-Brasília: Edunb/Hucitec, 1999.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In:.

_____. D. L. P. de FIORIN, J. L. (Org.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**: em torno de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1997.

BRANDÃO, H. H. N. Leitura, produção e circulação de textos. In: BASTOS, N. B. (Org.) **Língua Portuguesa. História, perspectivas, ensino**. São Paulo: EDUC, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010, Arquivos

FLÔRES, O. **A leitura da charge**. Canoas: ULBRA, 2002

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000.